

Uma bela porcaria de dia

1

“25 de dezembro de 2016”

Bela porcaria de dia – pensou Jorge ao abrir seus olhos. Acabara de despertar no dia que mais odiava no ano. Por ele, aquele dia nunca existiria e assim não teria que conviver com o sorriso falso estampado nos rostos das pessoas. Os presentes, envolvidos com fitas coloridas, deixavam-no perplexo e com vontade de fazer coisas ruins. Era um cara de trinta e poucos anos, solteiro e no momento estava empregado. Levantou-se da cama e andou até a cozinha. O pó do café derrubado na noite anterior ainda sujava a pia de metal. As louças de três dias se empilhavam e já começavam a feder. Algo que não lhe incomodava mais. Abriu a geladeira e pegou uma caixa de leite, virando-a diretamente no gargalo. Em seguida, cuspiu tudo e foi para o banheiro vomitar o líquido estragado e fétido. Sentiu-se fragilizado quando notou sua pressão despencando e assim apoiou-se à beira da privada. O vômito saiu em um jato e quando bateu na porcelana branca, espirrou para os lados, banhando a parede e chão com pedaços de comida em processo de digestão. As convulsões do vômito duraram poucos minutos e se sentindo um pouco melhor, levantou-se e olhou-se no espelho. Viu então a imagem de um homem aparentemente mais velho do que deveria mostrar sua idade, de camiseta suja com a comida da noite anterior e a pele pálida por se esconder do Sol.

Jorge caminhou até a sala da casa, escurecida pela baixa iluminação que entrava pelas cortinas fechadas. Em seguida, observou o controle remoto sobre a mesinha de centro, moldada a vidro contornado por madeira e o pegou, jogando-se no sofá. Ligou a televisão e viu logo de cara o noticiário mostrando as loucuras da promoção de última hora nas lojas do shopping da cidade. Multidões de pessoas entrando e saindo de lojas cheias de sacolas coloridas como ele odiava. Aquela cena lhe deixou puto e ele desligou a TV. Decidiu naquele momento que não sairia de casa, pelo menos não até escurecer.

A garrafa de uísque pela metade repousava ao lado do aparelho de TV. Ele se esticou e a pegou, vendo o líquido dourado tremular. Puxou a rolha e virou no gargalo, descendo pela goela pelo menos uns cinco goles. Colocou a garrafa no lugar e pareceu quase não sentir sua pele da garganta queimar quando o líquido passou. Esticou-se no sofá e olhou para o teto. Não tinha *porra* nenhuma para fazer naquela merda de dia e fechou os olhos.

Durante todo o período de Sol, as horas passaram de uma forma maçante. Quase pior do que o natal de 1995. Pelo menos agora podia encher a cara e cochilar o dia inteiro como bem entendesse.

O relógio marcava 17:30h e estava chegando o momento em que começaria seu pleno dia, deliciando-se com belas prostitutas. Gostava das prostitutas que trabalhavam no natal, pois nelas encontrava sua pior raça. Eram garotas selvagens e naquele dia pareciam soltar de dentro de si uma fúria não conhecida em qualquer outro dia do ano. O sexo era violento e maravilhoso ao mesmo tempo.

O tempo para se arrumar fora transcorrido, deixando-o já no período noturno, quando o Sol já se escondera para agir sobre outra parte do mundo. Pronto, Jorge se olhou no espelho do banheiro, único existente na casa e viu um novo homem. Os cabelos úmidos e penteados para o lado de uma forma elegante e despojada. Os olhos verdes cheios de vida e a pele rosada se escondendo sob tecidos brancos de uma camisa de algodão. No pescoço, levava algo que não acreditava, mas por algum motivo sua forma o atraía. Era uma cruz de madeira, segurada por cordas finas e sutis, trançadas em tecido escuro. Ele a escondeu também sob a camisa e saiu de casa, pegando a chave do carro, antes pendurada ao lado da porta.

Na rua, abriu a porta de seu sedan 1980 e ligou o motor, roncando alto ao pisar no acelerador. Acionou a primeira marcha, e pisou novamente, cantando um pouco o pneu ao sair. Reparou nas casas de sua própria rua, as janelas acesas, demonstrando silhuetas alegres e efusivas, em encontros natalinos. Tinha vontade de atirar em todas as luzes piscantes que cobriam o bairro inteiro. Mas para isso precisaria de centenas de milhares de projeteis. Mas uma bela prostituta também resolveria seu problema.

Jorge rumou para o centro urbano da cidade e passou pelos lugares que sabia ter esse tipo de gente. Mas naquele momento não existia nenhuma delas ainda. Todos os estabelecimentos tinham suas portas baixadas, exceto um, que observou na esquina da rua que ficava a livraria mais conhecida daquele bairro. Era uma porta pequena, que dava em um boteco escuro e sombrio. Sendo único lugar que poderia esperar até que o movimento começasse, estacionou o carro do outro lado da rua e atravessou a via. Quase não viu movimento, a não ser por um grupo de jovens se entretendo na outra esquina e duas moças atravessando o cruzamento com o carro, após o farol abrir. Reconheceu a música alta tocando no som do automóvel como alguma do Pink Floyd e logo entrou no bar.

Um homem de meia idade limpava um balcão claro com uma toalha velha umedecida. Do outro lado do balcão, viu uma máquina prateada que julgou ser de café. Sentou-se próximo a ela em um balcão elevado a um metro de altura e repousou os pés no apoio mais abaixo. O homem não o olhou, mas perguntou:

- Vai querer o quê? – a voz grossa e pouco feliz.

Também quem estaria trabalhando em pleno natal? – pensou Jorge.

- Uma cerveja, por favor? – disse erguendo o dedo.

O homem deixou o pano em cima do balcão e se virou para pegar a garrafa na geladeira. Colocou-a na frente de Jorge, junto a um copo americano e abriu a tampa. Sem dizer nada, pegou o pano novamente e continuou limpando o balcão. Jorge deu de ombros, pegou a garrafa, encheu o copo e se serviu de todo o conteúdo em uma investida só. Encheu-o novamente e dessa vez deu apenas um gole, repousando-o no balcão. Pegou o celular no bolso para olhar a internet e se frustrou ao se lembrar não ter pago a conta. Guardou-o novamente e tentou puxar assunto com o outro homem, que incansavelmente continuava limpando o balcão:

- Hoje não está um dia muito movimentado.

O homem hesitou por um momento e voltou a passar o pano no balcão.

- As pessoas sem grana. Esse não é um bom natal. – respondeu ele.

Jorge sorriu e disse:

- Acho que nenhum natal é bom – e deu um gole na cerveja.

Pela primeira vez o homem o encarou, segurando o pano imóvel sobre o balcão. Jorge percebeu seu olho esquerdo tremendo. Era nítida sua irritação e de repente o clima ruim do lugar ficou pior ainda. Subitamente eles foram interrompidos pela presença de outra pessoa que entrou no bar. O coração de Jorge bateu forte quando viu aquela mulher maravilhosa, de cabelos negros e compridos, pele clara e olhos escuros, porém cheios de um brilho intenso que fez seu coração pulsar. Ela se aproximou e se apoiou no balcão ao seu lado. Ele não parava de encará-la e nesse momento a mediou dos pés a cabeça. Os saltos altos a deixavam mais de dez centímetros mais alta. A meia, fio quarenta, se escondia nelas e um pouco mais acima, na saia preta que descia até a altura das coxas. Um casaco inteiriço de algo semelhante à lã clara lhe cobria todo o tórax. Quando ela mexeu o pescoço para olhar para ele, seus brincos argolados em um prateado tilintaram por de trás dos cabelos soltos. Ela lhe sorriu com os lábios finos e rosados, estreitando também os olhos já levemente puxados.

- Ooi! – disse ela.

Não precisou de mais nada para Jorge saber que aquele “oi” vinha de uma prostituta. Porém a mais perfeita que já tinha visto em toda a sua vida.

- O... Oi. – ele não sabia por que, mas hesitou. A mina era gata demais! – Tudo bem lindeza?

Ela estreitou ainda mais os olhos e se aproximou dele, alisando um maço de fios soltos que se desprenderam do restante.

- Com certeza melhor ainda, agora!

- Vai querer algo? – Jorge e a mulher olharam ao mesmo tempo e viram o homem do balcão as suas frentes, encarando a moça, apoiado no balcão com o pano na mão direita.

Ela abriu bastante os olhos naquele momento, sem tirar o sorriso do rosto e mostrou o dedo indicador delicado, de uma unha comprida e vermelha.

- Um cigarro, por favor – disse ela.

O homem de meia idade entregou o maço para ela e rapidamente Jorge se apressou a pagar toda a conta, querendo sair rapidamente dali. *Tinha coisas muito melhores para fazer.*

3

Jorge não queria ir para casa, rejeitando a possibilidade de expor a sua bagunça. Quem quer que fosse a pessoa, ou o que quer que fosse acontecer com ela depois, ele não aturava essa possibilidade. Mas isso já estava planejado e quando tateou o bolso esquerdo da calça preta, sentiu a chave que tanto prezava e que só tocava uma vez em cada ano.

Jorge estacionou na frente de um galpão. Uma via de concreto de um metro de largura cortava um jardim verdejante ao meio, até chegar a uma porta quase escondida pelo breu de seu saguão de entrada pouco iluminado. O casal deixou o carro e juntos percorreram o corredor até a porta que naquele momento já estava mais evidente. Jorge notou a mulher desconfortável enquanto dava passo a passo na sua frente. Mas todas ficavam. Ela deu uma viradinha com a cabeça para trás e sorriu sem graça. Jorge andava bem atrás, mantendo a postura de seus ombros largos por baixo da jaqueta escura. Ele pensou que era a primeira vez que fazia aquilo daquela forma. Todas aquelas prostitutas que buscou nos últimos dez natais da sua vida, tiveram seu sexo descontrolado antes do finalmente. Mas aquela mulher era muito perfeita para se encontrar meio ao nojo do sexo e assim teria o finalmente muito antes.

Em dado momento ela hesitou e parou de andar, virando-se totalmente para ele. Mas Jorge era um homem esperto e muito bem treinado com todos os seus anos fazendo a mesma coisa naquele dia 25 de dezembro de todos os anos.

- Não sei se gosto desse lugar. – ela disse, tentando lhe mostrar um olhar.

Mas Jorge sabia o que queria dizer realmente aquele olhar. “*Me tira daqui*”, “*Vamos embora*”, “*Você é louco?*”, “*Porque não vamos para um motel, ou a sua casa?*”. Mas não. Era ali que ele precisava estar.

“25 de dezembro de 1992”

Jorge tinha dez anos e como para todas as crianças, aquele era o dia mais esperado do ano inteiro. Ganharia todos os presentes que mais queria e que vinha desejando desde o meio daquele ano.

Quando abriu os olhos e viu os raios de sol atravessando a janela, pulou da cama em uma alegria incontrolável. Quase escorregou quando as meias deslizaram sobre o piso de madeira e assim começou a correr. O quarto da irmã mais nova ficava logo após o dele e assim ele abriu a porta com toda possível violência contida nos braços de uma criança de dez anos.

- Acorda, acorda cabeção. É natal, é natal! – Jorge acendeu a luz, vendo sua pequena irmã de cabelos loirinhos se inclinando na cama, com os olhos estreitos pela repentina luz.

Jorge não esperou mais e correu para a saída adiante do corredor que dava na escada que o levaria ao andar de baixo. Ele sabia que lá estava tudo que queria e que vinha esperando há tanto tempo. Os degraus de madeira escura, contornados por duas paredes brancas, se curvavam para a direita. Ele foi descendo os degraus com cuidado, pois sabia exatamente como eles eram traiçoeiros, lembrando da marca de falha dos cabelos atrás de sua cabeça em um corte alongado. Ele foi descendo os degraus e logo fez a curva, começando a ver o horizonte da sua se abrindo a sua frente. Viu lama no chão, ou algo parecido com lama. Mas quando mais próximo de tocar o solo daquele andar, percebeu a consistência diferente de lama. A cor também era diferente, quase de um vinho escurecido ao seu limite. Quando pisou no solo, viu algo que o fez interromper a vida por um momento.

Seus pais estavam na sala. Mas não do jeito que vira em sua vida inteira e sim aos pedaços. Reparou primeiro na mãe, com os cabelos louros empastados de sangue coagulado. Os olhos abertos já não demonstravam qualquer indício de vida. As bochechas e pescoço também estavam manchados de vermelho, assim como a camisinha antes branca. Na altura de seu abdômen, uma mancha muito escura se confundia com um monte de carne, gordura e pedaços de entranhas expostas. A mão da mãe segurava algo e logo notou ser um braço. Era o braço do próprio pai, afastado da mãe uns dois metros. A carne desse braço estava dilacerada, com um pedaço de osso pontudo para fora. Seu maxilar estava com um sorriso torto, rasgado até a orelha esquerda. Não estava vestido no tórax, deixando aparente um peito rasgado no meio, com as peles abertas em uma asa disforme. O sangue criava entre os corpos um tapete escuro com arestas denteadas.

Seus olhos estavam muito perdidos para perceber o motivo de tudo aquilo e apenas por um instante encarou algo que mudou por inteira e completamente a sua vida e capacidade de raciocínio íntegro. Os olhos que se escondiam nas sombras daqueles

furos esféricos contidos naquela máscara horrenda não tinham a vida que conhecia, levando-o a um buraco negro e eterno.

5

“Dias atuais”

Jorge sentiu uma fúria impiedosa naquele momento e acertou um soco no meio da cara da prostituta. Ela oscilou e caiu para trás com as mãos no nariz. Ela o olhou chorando e abriu a boca para gritar. Mas fora interrompida por um chute que a acertou na cabeça. Ela caiu desmaiada e lavada de sangue na altura dos lábios e queixo. Jorge olhou pelas redondezas, vendo apenas as janelas das casas como olhos alegres de uma noite feliz, pelo menos para a maioria. Mas não para ele. Ele aproveitava aquela noite de outra forma e a usava para deleitar-se com algo que apenas por aquele dia, fazia total sentido para ele. O outro dia seria outro e sabia que quando acordasse, todo o acontecido da noite anterior o atingiria apenas como um sonho e sua vida seria levada normalmente como em todos os anos da última década de sua vida. Inclusive, todos os preparativos para receber a irmã mais nova em casa, estavam na geladeira.

Ele começou a arrastar a prostituta em sentido à porta do galpão. Subitamente um salto soltou-se de seu pé, mas o homem não viu e continuou arrastando-a. Em certo momento reparou no salto e resolveu que voltaria para pegá-lo. Ergueu a mulher nos braços e andou rapidamente até a porta. Tirou a chave do bolso sem muito esforço com aqueles prováveis 55 kg que segurava e abriu a porta de aço. Levou a mulher para dentro, colocou-a no chão do escuro total e voltou para pegar o salto. Segurou o sapato, olhou mais uma vez à volta e foi para dentro do galpão, fechando a porta atrás de si e se virando para trancar.

Quando acendeu a luz, vislumbrou todas as ferramentas que não via há pelo menos 364 dias, sendo que a limpeza no dia sucessor ao do Natal era necessária. Ele olhou a mulher desmaiada aos seus pés e a ergueu novamente, levando-a até a maca de metal frio com bordas avantajadas. Olhou o ralo em um dos cantos da maca e percebeu estar limpo, deixando livre a passagem para o que quer que fosse passar ali. Ele puxou um balde vermelho com cerca de cinquenta centímetros de diâmetro com os pés e o direcionou bem abaixo desse ralo. Jorge inclinou um pouco o corpo e pegou as amarras presas embaixo da maca. Prendeu-as nas mãos e pés da moça, deixando-a imobilizada. Com calma, ele deslizou até uma bancada e lá pegou uma caixa de ferro, trazendo para perto da moça e a colocando sobre um móvel que arrastou para perto da maca. De repente, Jorge arregalou os olhos e se apressou a abrir a caixa de ferro. De lá tirou um rolo de fita adesiva e com um pedaço cortado, colou forte sobre a boca da moça.

Jogando a fita de lado, Jorge começou a acariciar o rosto da prostituta. Em certo momento, ela começou a tremer os olhos e subitamente os abriu com um pouco de calma. Sua cabeça oscilou para os dois lados e logo depois os olhos se estatelaram. A

boca tentou se arregalar em um berro feroz, mas foi bem impedida pela fita de tom prateado que a envolvia por completo. Jorge se inclinou para cima da moça, contente de um sorriso terrível e assustador. Ele afastou os fios soltos da cabeça da mulher para trás e falou perto de seu ouvido:

- Sabia que você é muito linda?

Ela apenas murmurava coisas incompreensíveis por baixo da fita e balançava a cabeça efusivamente para os lados. Jorge se ergueu transformado e virou-lhe um tapa no rosto com as costas da mão.

- Vagabunda! Dá para você se comportar? – novamente o sorriso assustador apareceu e ele alisou sua bochecha. – Eu prometo que não vai demorar e que você não vai sofrer muito.

A prostituta ficou ainda mais desesperada e assim começou a tentar gritar um som que saía abafado. Jorge se moveu e lhe acertou com mais um tapa, dessa vez com o dobro da força do anterior. A mulher quase foi nocauteada e por um momento teve os olhos virados para cima. Com o rosto enraivecido, Jorge abaixou e pegou uma pequena lâmina. Sem choro, nem vela, ele a passou ao lado do pescoço da mulher, afundando o metal na carne que a cortou com facilidade. Sua mão foi esguichada por um jato de sangue arterial que começou a sair daquele ponto abundante. A moça não sabia muito bem o que estava acontecendo e naquele momento apenas começava a sentir um leve formigamento no corpo.

O sangue deixava o sangue da moça como um rio que teve a sua comporta escancarada e deslizava para o lado que o direcionava ao balde vermelho abaixo. Como um lunático, Jorge observava de perto todo aquele sangue saindo do corte de cinco centímetros, movendo a cabeça como uma serpente. Nada parecia mais louco do que aquele cara naquele momento. A moça o encarava com pavor, vendo sua silhueta se borrando aos poucos. O frio começava a lhe tomar por completo, fazendo seus músculos convulsionarem efusivos, tentando entregar algum tipo de energia que geraria calor àquele corpo quase moribundo.

Não demorou muito e Jorge percebeu o brilho da vida em seus olhos se esvaindo. A única coisa que lhe dava mais prazer do que aquilo era o que faria algumas horas depois. O tempo era precioso e ele não podia perdê-lo. Usou a mesma lâmina para iniciar um corte que começou no extremo superior de um peito e trêmulo, rasgou-o até o outro. Em seguida desceu com um corte que iniciou um pouco abaixo da goela e foi até o umbigo. Jorge deixou a lâmina de lado e puxou as duas partes da pele para o lado, fazendo-as se abrirem como duas asas melecadas de vermelho que a cada ano que passava, ficavam mais perfeitas. Os músculos peitorais da mulher se alinhavam perfeitamente como trilhos pintados de vermelho. Apesar da cor forte, ali não tinha tanto sangue, pois quase todo ele agora estava no balde.

Jorge não tinha uma serra e mesmo assim preferia não utilizar uma, visando o barulho que esta faria. Sendo assim, se abaixou mais uma vez e pegou um martelo, junto a uma barra pontuda de aço. Ele martelou até que os ossos naquela região estivessem em pedaços. Um grande fuzuê de pedaços de tecidos e ossos se fez em volta do homem. Por fim, utilizou uma tesoura para cortar os últimos tecidos e chegar ao coração. O mesmo objeto foi utilizado para separar o órgão das veias e artérias. Ele ergueu o coração como um troféu e o ficou encarando, esbanjado de um sorriso satânico. O sangue gotejava de sua mão e caía quase aos seus pés.

Jorge colocou o coração da mulher em uma bandeja de metal e foi lavar as mãos. No espelho, reparou em um homem satisfeito, contente por tirar o algo mais importante de uma pessoa. A sua própria vida. Agora ele iria ingerir aquela vida.

6

“Dez anos atrás”

Desolado no breu, com os olhos buscando esperança, jazia Jorge de joelhos na terra seca daquela encruzilhada. Nas mãos, segurava um pedaço de madeira quebrado de alguma árvore. Na sua frente, um desenho afundado na terra estava pronto e com todas as suas linhas interligadas, formando uma estrela de cinco pontas. O homem já tinha repetido o ritual da reza satânica cinco vezes e não pararia até que acontecesse o que a folha premeditava.

Aquela era a sexta vez que mencionava aquelas mesmas palavras. Em dado momento o vento soprou mais forte e parou. A luz da Lua foi totalmente anulada, como escondida por uma sombra mais poderosa que sua luz. Seguido disso, um barulho de correntes soou de longe, mas no próximo segundo estava ao seu lado. Ele só podia ver a silhueta da entidade que falava com voz cavernosa:

- Jorge, Jorge. Tu és um homem corajoso. Adoro homens corajosos, aqueles que eternamente ficarão ao meu lado. Eu amo todos eles! Você quer ser um deles, Jorge?

O homem se levantou e em vez de pavor, sentia a maior felicidade da sua vida.

- Eu quero! Eu quero mais que tudo, Pai da Terra. – disse Jorge.

A criatura sorriu no escuro e ficou muda por um momento.

- Sinta-se privilegiado, Jorge. Terás tudo que deseja, assim como desejou Hitler, ou Júlio Cesar. Os primeiros dez anos de um homem são aqueles que ele aprende a se conduzir ao caminho da vida adolescente e adulta. Os dez últimos são aqueles que ele usa para procurar por aquilo que vislumbrou nos primeiros dez.

- Quando eu terei que pagar a minha dívida?

- Tu saberás. O dia escolhido pelos humanos, com nascimento de Cristo, será a sua chave. - disse a criatura, desaparecendo em uma nuvem de fumaça escura.

A luz da Lua novamente floresceu. Porém, a angústia se assolava agora por todas as veias do corpo de Jorge. Mas ele não via a angústia como propriamente era para ser vista. Naquele momento surgiu um novo homem e foi naquela noite que sua primeira vítima sumiu do planeta.

7

“Dias atuais”

Embaixo da maca, onde repousava o corpo morto da prostituta, os litros de sangue antes quentes, agora já perdendo a temperatura rapidamente, começaram a borbulhar no balde. Mas Jorge não podia ver porque estava no banheiro, deliciando-se com o sangue que tirava dos braços. Algo como a tampa de um coco surgiu naquele meio do líquido vermelho escuro e começou a subir. Os olhos fechados, evidentes de uma mulher apareceram e logo toda a sua cabeça estava para fora. Ela vinha nascendo e crescendo do balde, como uma planta filmada ao seu alvorecer, em alta velocidade. Já com o tronco à mostra, todo pintado com o líquido do balde, a mulher abriu os olhos. Os cabelos ensopados se prostravam nos ombros e caíam sobre os seios nus. Ela acabou de se erguer e sutilmente deu um passo adiante, tingindo todo o chão externo ao balde de vermelho.

No momento em que Jorge voltou e se deparou com a mulher o encarando com um sorriso assustador, estacou no lugar, tentando compreender a que se referia aquela figura a sua frente. Uma pena para ele não ter tempo para quase nada, pois um súbito som, seguido de uma dor alucinante surgiu e ele foi erguido às alturas por duas correntes, com ganchos presos e chumbados aos seus ombros. Mais duas correntes foram disparadas e grudaram uma em cada lado de seu abdômen. Como em uma uni-metralhadora, várias correntes foram disparadas e grudaram uma em cada parte do corpo do homem, que gritava alucinadamente. Estava erguido nas alturas, com os braços esticados, assim como as pernas e a cabeça. Correntes puxavam a pele de suas bochechas, queixo, pescoço, peito, abdômen, costas, membros superiores, membros inferiores e pés. A agonia não durou tanto tempo e seguido de um rangido do metal, ele explodiu em uma chuva de entranhas.

Um pouco afastada daquela situação, apenas orientando e assistindo ao espetáculo, a entidade se deliciava. Ela começou a andar, deixando pegadas vermelhas no solo de concreto, até chegar ao raio das entranhas, pisoteando-as também. Enquanto seus passos eram dados e ela mais se aproximava de seu objetivo, maior ficava o reiro fétido de pedaços humanos. Ela parou e observou abaixo, meio a toda aquela bagunça, o tronco cavernoso, cheio de pedaços de músculos e pele dilacerados. O crânio de Jorge também estava com o mesmo aspecto, sorrindo-lhe bizarramente sem poder esconder os

dentes sob a pele. Seus olhos a encaravam esbugalhados, pois não tinham pele para serem cobertos.

A entidade sorriu e virou a cabeça um pouco, de uma forma que assustou ainda mais o homem já estava em seu limite. Ela o encarou por um momento e finalmente disse:

- Aproveitou bem seus últimos dez anos de vida, Jorge?

Ele apenas a encarava e por um momento quase soltou um sussurro que saiu esganiçado e mucoso.

- Desculpe Jorge, mas eu não consigo te entender. Você se lembra quando eu te disse que adoro homens corajosos? Você terá a eternidade a essa maneira para descobrir o porquê gosto de homens corajosos.

FIM